

## TRANSCRIÇÕES

Para mágoa nossa, chegou-nos às mãos já encerrado o n.º 15 da *Confluência*, dedicado a Sousa da Silveira, a sugestão do estimado Amigo Homero Senna de transcrever página de sua autoria em que relata a última visita do nosso filólogo a Machado de Assis, em 1908, mais ou menos um mês antes da morte do escritor. Dado o interesse do artigo e do seu valor documental, julgamos oportuno transcrevê-lo, numa homenagem ao Professor Sousa, a Machado de Assis e ao amigo Homero Senna.

E. B.

### MACHADO DE ASSIS E SUA ORFANDEDE ÀS AVESSAS

Homero Senna

É conhecida a frase com que terminam as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

Este o conceito que escorreu da pena do humorista ao concluir seu livro famoso, conceito que vale por toda uma filosofia de vida.

Entretanto, mais tarde, depois da morte da esposa, queixar-se-ia ele de sua “orfandade às avessas”. A carta que a 20 de novembro de 1904 mandou a Nabuco é uma página de comovida confissão: “Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo!”

Após o serviço no Ministério, a prosinha com os amigos na Academia ou em sua sucursal – a Livraria Garnier – recolhendo de bonde à casa das Águas Férreas, tão povoada pela lembrança da ausente, como devia ser-lhe penosa a solidão, o vazio, lá onde coubera “o mundo inteiro”. Era o nada, não “a voluptuosidade do nada”, mas, como notou um de seus biógrafos, “o desespero do nada, do silêncio eterno, da eterna privação”.

Observou, aliás, Lúcia Miguel Pereira que nas últimas páginas do romancista há como que uma reconciliação com a vida. “Na véspera de se deixarem, os dois inimigos se compreendem; a vida revelava ao artista um dos seus segredos: o da ternura humana, que a redime de muitos malefícios, e ele confessa, afinal, que a amava”.

Pois a respeito dessa pelo menos aparente reconciliação, recolhi outro dia um testemunho que me parece da maior importância.

Trata-se de uma frase que Machado de Assis, um mês, mais ou menos, antes de morrer, deixou escapar em conversa, durante a visita que lhe foi fazer seu então jovem vizinho de bairro – o hoje ilustre Professor Sousa da Silveira.

Dadas as relações de amizade entre as duas famílias, não quis a mãe do Professor Sousa da Silveira que o filho embarcasse para a Europa – o que efetivamente se deu em agosto de 1908 – sem ir despedir-se de “seu Machado”, como costumava chamar o escritor.

E, aproveitando um dia em que tinha ido à cidade, visitar um outro filho que se achava doente, regressando às Águas Férreas, sugeri fossem logo apresentar as despedidas a Machado de Assis.

Contou-me o Professor Sousa da Silveira – que tem, como se sabe, uma memória admirável e é homem escrupulosíssimo em matéria de citações – que o romancista estava em casa em companhia apenas de duas empregadas.

Começando a conversar, refere-se a mãe do Professor à visita que acabara de fazer, comentando, então, que família grande era aquilo mesmo: havia sempre um contratempo, uma doença, uma preocupação.

Ao que Machado de Assis, recostado numa espreguiçadeira e falando com dificuldade, teria observado, com estas mesmas palavras que o Professor Sousa da Silveira guardou de cor:

— “Minha senhora, não há famílias grandes. O que é triste é viver nesta solidão em que estou”.

Simple desabafo momentâneo, ou reconciliação, de fato, com a vida? A julgar pelo que referem seus biógrafos, a segunda hipótese é a mais aceitável, já que suas últimas palavras, naquela madrugada de 29 de setembro desse mesmo ano de 1908, em que, após lenta agonia, veio a falecer, foram também de louvor e exaltação à vida.

(*Correio da Manhã*, 31-3-1962)

\*